

#### [MINI BIO + CONCEITO]

Juca Máximo é artista visual e publicitário. Conquistando o *excelsior* expressionista de mais de 20 países, já fez passagens por lugares como Saphira & Gallery, Galeria Internacional de Toronto e Art Revolution Tapei, e tem em sua trajetória exposições como “Art Of Humanity” International Gallery of the Arts, Toronto – Canadá, sendo também já finalista no “Prêmio Lusófonos” em Lisboa, Portugal. Com inspirações de artistas plásticos cearenses como Mychel Távora, Máximo trabalha um peso de obras entre o orgânico e o sensível, o imaginado e o proposto, o cerne para o enraizamento de questões sobre sentimentos difusos, tensionamentos entre mente, identidade, dramas de verossimilhança entre o psicológico e o real.

Com leituras parafrásicas dentro do expressionismo, A Série “Ausências”, é um *frame* de sutileza e beleza, força e liberdade: Harmonias e Formas que coexistem nas linhas femininas, diametralmente opostas e atraentes, de linhas duras, camadas ousadas e matizes temperamentais de um território sensível a se explorar que é o rosto. Na dualidade das certezas impostas pela obra, volúvel em uma passagem epifânica para sentimentos diversos. O *oikos* do sensível, das proximidades e das diásporas, do particular e do estrangeiro. “Ausências” é sobre o lugar biopolítico, feminino e sensível do rosto. E o rosto com uma obra aberta, passível de significações que desalinham e derramam camadas sob o tempo onde os diálogos predominantemente são de práxis poética no estado da arte.

Série de Três Obras – “Distâncias”, Juca Máximo



Um rosto é biopolítico. A biopolítica dos rostos configuram o elemento externo na arte contemporânea: Haverão sentidos e apagamentos, vértices de poder que sinalizam que um rosto é simbólico para a produção de sentidos em uma sociedade hierárquica. Um rosto, assim como a imagem, é sempre polissêmica e nunca esvaziada de sentidos atribuídos à ela. A plasticidade das relações modernas fragmenta o tempo deste rosto: Não é possível saber qual será seu tempo de enraizar em camadas, ir e voltar a si

mesmo. Respirar para soprar na derme. Denunciar as múltiplas mãos que o tocam, provocando aterramentos e distanciando das tessituras sensíveis da vida.



A *catharsis* de um rosto é diacrônico com o seu tempo. Ele pode denunciar uma guerra civil ou desenhar o sinuoso traço das experiências cartáticas, as que atravessam a sensação de pele, de tempo, de símbolos e de psíqué. Visualidade visceral para um artista é a sinestesia do tempo de um rosto. Uma mística entre “A República dos Bons sentimentos” ou o multifacetamento do sofrimento psíquico. Sentimentos que se fracionam entre estar e não-estar. Melancolia, mal-estar, enraizamentos que propõem um diálogo denso de transitoriedade de aflições que apenas se resolvem gradualmente, em camadas, como a obra de arte.



O feminino como mote sensível – pulveril, sedutor e de força que se inclina para acolher as resoluções substanciais do mundo. O rosto feminino – invadido pela demagogia jurídico-moral-política de estar sempre sob a égide de julgamentos definidos pelo masculino – sobre estética, feminilidade, terminologias sociais de padrões destrutivos em sociedade – que provocam o apagamento de seus rostos, de suas emoções cruciais para a manutenção da saúde da vida.